



Construir uma epistemologia para a semiótica em 1966 *

Herman Parret **

Tradução de Waldir Bevidas *** e Ivã Carlos Lopes ****

Resumo: Por meio de uma leitura parafrástica do livro *Sémantique structurale* (Greimas, 1966), examinamos a arquitetura conceitual dos quatro grandes patamares em que foi pensada a semiótica de Greimas nesta obra fundadora: o da linguagem-objeto, o da metalinguagem descritiva, o da linguagem metodológica e, por fim, o nível epistemológico no qual se inscrevem seus postulados não-analisados e indefiníveis. Nossos comentários se dirigem também à complementaridade dos procedimentos indutivo e dedutivo, bem como à centralidade da noção de percepção nas bases dessa teoria, a aproximar seus pressupostos da fenomenologia de Merleau-Ponty. Ao final, interpretamos a inspiração epistemológica de *Sémantique structurale*, sem dúvida "cientificamente vocacionada", no quadro mais amplo de uma axiologia que recobre um tipo específico de humanismo.

Palavras-chave: epistemologia, Greimas, percepção, *Sémantique structurale*, teoria

No meu exemplar de *Sémantique structurale* (edição original de 1966, é claro), eu havia anotado: "Primeira leitura terminada em 9 de maio de 68". Em pleno "maio de 68", portanto – provavelmente em algum bistrô, antes de voltar para as barricadas da rua Gay-Lussac ou para algum anfiteatro revolucionário na Sorbonne. De fato, o Instituto de Filosofia da Universidade de Leuven enviara a Paris aquele jovem doutorando que eu era, para que me familiarizasse com a "linguística estrutural". Após uma breve e insatisfatória deambulação por Martinet, avistei por acaso, no final de setembro de 1967, um cartaz da École Pratique des Hautes Études que mencionava o seminário de "Semântica Estrutural" de Greimas. Pus-me a frequentá-lo com assiduidade, o que acabaria moldando e determinando, de maneira parcial porém profunda e permanente, minhas aspira-

ções de pesquisador. Lembro-me de como, na época, esse livro, cujo cinquentenário de publicação estamos celebrando hoje¹, foi uma leitura árdua – não gostava daquela máquina definicional, e ainda menos daquele estilo deselegante, com tão pouco charme literário.

Em contrapartida, admirava, desde a primeira página, a solidez conceitual da *Sémantique structurale*, verdadeira geradora do projeto semiótico que, em seu desenvolvimento ao longo desses cinquenta anos, continuou a me intrigar e inspirar. Filósofo fenomenólogo da linguagem por formação, sentia-me provocado por essa concepção alternativa da linguagem incrustada numa semiótica abarcadora de todas as regiões em que o sentido se produz, se percebe e vive. A propósito, se uma solidariedade tem sido cultivada entre semiótica e fenomenologia, é porque ambas elaboram uma

* A versão original deste texto foi apresentada no Colóquio Internacional *Semântica estrutural*. 50 anos depois [Colloque International *Sémantique structurale*. 50 ans après], em Istambul, de 6 a 7 de outubro de 2016, numa parceria da Universidade de Lorraine, na França, e da Universidade de Istambul.

** Professor Emérito do Instituto Superior de Filosofia da Universidade Católica de Leuven, Bélgica, onde ensina filosofia da linguagem e estética filosófica. Endereço para correspondência: { herman.parret@hiw.kuleuven.be } .

*** Professor Associado Livre-Docente no Departamento de Linguística (Graduação) e do Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Universidade de São Paulo . Endereço para correspondência: { waldirbevidas@usp.br } .

**** Professor assistente doutor no Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo, onde leciona na Graduação em Letras e na Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral. Endereço para correspondência: { lopesic@usp.br } .

¹ [N. dos T.] O texto de Parret, aqui traduzido, contempla sua conferência no "Colloque international *Sémantique structurale*. 50 ans après", realizado na cidade de Istambul – Turquia, em 6 e 7 de outubro de 2016, sob os auspícios das universidades de Istambul e da Lorraine – França, e dos respectivos centros CEMÉS – Cultures émergentes et médiations sémiotiques e CREM – Centre de recherches sur la médiation, sob a direção de Nedred Oztokat e de Driss Ablali. Todas as citações de Greimas, ao longo deste texto, foram vertidas diretamente dos originais em francês.

reflexão sobre “as condições primeiras da captação do sentido”, como já escrevia Greimas por aquela época².

E, no entanto, Greimas aconselha insistentemente o linguista a não reincidir na “filosofia eterna”, para não se transformar em mau filósofo, como adverte na Introdução de *Du sens*, redigida em 1970, quatro anos depois de *Sémantique structurale*. Nem por isso deixa de ser verdade que o desafio da filosofia é constante. Acontece que o semiótico, em seu esforço de constituição de uma semântica estrutural, de uma semiótica “cientificamente vocacionada”, tem de recorrer necessariamente a uma *epistemologia*. Por outro lado, a voz do semiótico, no entender de Greimas, deve se fazer ouvir também no “concerto epistemológico”. Eis uma passagem característica dessa Introdução de *Du sens* :

É através de uma porta estreita (...) que o semiótico se vê obrigado a conduzir sua investigação sobre o sentido. Para ele, ao contrário dos filósofos, a questão não é a de fundar a semântica (...). [Mas] é preciso, para satisfazer os reais requisitos da semiótica, dispor de um mínimo de conceitos epistemológicos explicitados que permitam ao semiótico avaliar, ao analisar as significações, a adequação dos modelos que se lhe oferecem ou que ele constrói. O semiótico necessita de um controle epistemológico de seu método (1970, p. 12).

Foi esta última frase que incitou as análises de minha conferência: como o “método” de *Sémantique structurale* mobiliza esse “controle epistemológico”? Assinalemos, de início, que se trata realmente do “método” no singular, do único método capaz de modelar uma semântica de vocação científica, como diz o subtítulo do livro que hoje temos em mãos: “*Sémantique structurale. Recherche de méthode*”. Meu questionamento será duplo: como se exerce o controle epistemológico sobre o método e, de modo mais amplo, o que significa “epistemologia” em *Sémantique structurale* ?

Por meio do estudo da materialidade textual do livro, aliado a uma leitura parafraseadora, procurei organizar as linhas de força da concepção, não raro hesitante, que Greimas sugere para o estatuto da epistemologia. É bem verdade que o livro comporta não menos do que vinte e oito ocorrências do termo “epistemologia / epistemológico” e vinte e duas ocorrências de “metodológico / metodologia / método”. Se nos ativermos às miragens da estatística, a ideia de “epistemologia”, fecunda para uma “semântica cientificamente vocacionada”, aparenta levantar até mais inquietações do que a exigência coercitiva do “método” único. Veremos, com meridiana clareza, por quê.

² A maneira como Greimas pensa e apresenta a fenomenologia nem sempre é exata e pertinente. A *Fenomenologia da Percepção* (Merleau-Ponty, 1945) é o ponto de referência incontestável de Greimas, porém a aproximação entre fenomenologia e semântica, frequentemente, é menos imediata do que daria a entender a seguinte citação: “[...] Somos obrigados a permanecer no plano fenomenológico, isto é, linguístico”, citação na qual ele explica sua refutação de uma semântica que descrevesse a “vida psíquica” (1966, p. 27). Uma outra passagem sugere que, se o fenômeno da linguagem parece “misterioso” aos olhos do filósofo-fenomenólogo, para o semânticista ele já não representa nenhum mistério. Seria até mesmo uma tarefa do semânticista a desmitificação da ideia do fenomenólogo, segundo a qual haveria zonas de mistério na linguagem (1966, p. 58).

1

A primeira seção de *Sémantique structurale*, “As condições de uma semântica científica”, compreende uma passagem que mostra detalhadamente o modo como se estrutura em quatro níveis hierárquicos uma semântica científica. São três páginas (p. 15, 16 e 17) que oferecem a melhor introdução à problemática que pretendo discutir em minha conferência. Parafrasearei essa modelização que o próprio Greimas qualifica, em termos um tanto sumários, de “postulado hjelmsleviano”.

O primeiro nível é, obviamente, a *língua-objeto*, o *hupokeimenon* de toda e qualquer investigação “de vocação científica”. O segundo é a *metalinguagem* descritiva, translativa (que descreve, traduz as significações contidas na língua-objeto), a qual pressupõe como condição *sine qua non* a existência de um terceiro nível, o da *meta-metalinguagem*, da *linguagem metodológica* (ou *metódica*), que define os conceitos da metalinguagem descritiva/translativa e verifica a coesão interna do sistema conceitual da metalinguagem. Dupla função, portanto, de definição e verificação, de cujas incumbências voltarei a falar em detalhe. Greimas introduz de pronto, e como requisito indispensável, um outro nível, o “nível quaternário”, que transpõe a totalidade das estratégias de definição e verificação do método em um *conjunto axiomático dedutivo*. Trata-se do nível epistemológico, que tem sua autonomia e suas exigências peculiares, a saber: uma independência frente à metalinguagem metódica, uma autonomia de *controle*, de *juízo*, a partir, como diz Greimas, de uma certa concepção da *verdade*, ou melhor, de uma “dupla verdade”, “a verdade considerada como coerência interna e (...) a verdade concebida como adequação à realidade” (p. 16).

Assinalo, de passagem, que nesse trecho se acha a única ocorrência, em *Sémantique structurale*, do termo ontologizante “verdade”, noção, aliás, a que não se pode conferir credibilidade no âmbito da concepção greimasiana de uma “semântica cientificamente vocacionada”. O *valor das estratégias metodológicas* é, assim, determinado pelo *controle epistemológico*, nível quaternário do modelo, com a função de uma avaliação epistemológica que a Introdução de *Du sens* salienta com tanta convicção. Tal exigência de um controle epistemológico existe na semântica científica assim como em qualquer outra ciência, “natural” ou “humana”. Porém, Greimas insiste numa característica imprescindível da validade epistemológica de uma teoria: a *submissão da indução à dedução*. A estrutura

conceitual de uma semântica científica, isto é, estrutural, obtém validade pela implantação dessa práxis no modelo quaternário comandado pela dominação hierárquica de uma epistemologia. E Greimas conclui que esses quatro níveis são *irredutíveis*; que, atestando uma exigência lógica específica, embora complementar, eles funcionam *simultaneamente*.

2

Por toda parte, no texto de *Sémantique structurale*, encontram-se disseminadas retificações e elucidações acerca dos níveis dessa hierarquia quaternária. É a determinação da *metalinguagem descritiva* que suscita menos problemas, por possuir o mesmo estatuto que qualquer outra metalinguagem científica. Toda descrição semântica envolve a construção de uma metalinguagem, construção que pressupõe uma certa disciplina: entre outras coisas, a eliminação do figurativo e do retórico na elaboração dos procedimentos de descrição (1966, p. 139 e 25)³. Desde a constituição das categorias sêmicas e suas articulações até o estabelecimento do modelo actancial, o delineamento dos procedimentos de descrição – como a construção do *corpus* e sua normalização, ou as reduções simples e complexas com as possibilidades de homologação e geração – deve denotar uma severidade teleológica, uma austeridade quase matemática, um obstinado geometrismo, precisamente com vistas à máxima eficiência dessa metalinguagem descritiva e à univocidade da terminologia conceitual.

O fato de que semelhante metalinguagem descritiva seja também “translativa” ou, para empregar um termo caro a Greimas, “transpositiva”, implica, de toda forma, o impacto de uma mente organizadora e estruturadora; não a passividade puramente receptiva do linguista-semioticista, e sim, digamos, a “inspiração” de uma inteligência inovadora, criadora, que não deve nada à introspecção mas é dirigida pela intuição da riqueza dos fenômenos. A aceitação dessa disciplina insere-se numa certa *ética científica*, como tão bem explana Greimas em prudentes páginas (1966, p. 67-68). A metalinguagem, porém, não pode ser arbitrária, e, ao construir uma metalinguagem, o semioticista tem de fazer um uso adequado de sua liberdade. Por isso, a metalinguagem não pode ser totalmente dissociada da linguagem natural: a construção de uma semiótica científica serve, ao mesmo tempo, para a efetivação de uma *realidade social*. A liberdade de construção do linguista-semioticista fica, assim, limitada pela inserção *social* do objeto a ser descrito, a língua-objeto.

Isso deve marcar o difícil equilíbrio entre dois princípios metodológicos, à primeira vista contraditórios: a adequação indutiva e a coerência dedutiva.

Como já observamos, Greimas propõe que a indução seja *subordinada* à dedução, mas com igual ânimo reivindica que todo procedimento de descrição seja baseado, em última instância, na *busca de um pacto de meio-termo* entre elas, um acordo. Essa ética do pacto, aliás, é uma lei para toda disciplina “de vocação científica”. Em conclusão, é de fato o *método* que decide sobre o equilíbrio entre a construção sistematizante e a análise descritiva, entre a coerência e a verificação, entre a dedução e a indução, entre a subordinação e o pacto.

“Recherche de méthode” [Pesquisa de método] é o subtítulo de *Sémantique structurale*. Seria deplorável a ausência de um catalisador metodológico, adverte Greimas; a instauração de uma *ordem metodológica*, o *manejo metodológico*, todavia, nada tem de evidente⁴. O linguista-semioticista está exposto a “inquietudes metodológicas”, podendo até mesmo tornar-se vítima de “manipulações metodológicas”⁵. Ainda assim, “pedimos ao leitor que conceda maior importância à *conduta metodológica* do que à exatidão dos pormenores” (1966, p. 229), diz arriscada mas corajosamente o Mestre. Interessa observar que o cuidado com o método é apresentado como uma “reflexão” metodológica (1966, p. 127, 190-191), reflexão nunca inteiramente terminada, reflexão capaz de recobrir perspectivas e campos de dimensões variadas. A reflexão metodológica poderia vir a ter efeitos inibidores tão fortes para a práxis do linguista-semioticista que o modelo, globalmente tomado, permaneceria caduco e inutilizável⁶.

Em resumo, a salvaguarda do equilíbrio metalinguístico, quer seja este resultante da submissão ou do pacto, é uma tarefa essencial do método, mas não a única. A reflexão metodológica também controla o procedimento mediante o qual os microuniversos, isto é, os conjuntos de categorias sêmicas apreensíveis simultaneamente, podem apresentar-se como modelos imanentes ou, na verdade, como estruturas do conteúdo que, uma vez manifestadas, explicam a isotopia dos textos (1966, p. 127). Esse controle é uma tarefa suplementar da reflexão metodológica. Greimas sugere mais um exemplo de reflexão metodológica, cujo alcance é bem diferente. Quando há modelos metalinguísticos em competição, faz-se necessária uma instância que lhes determine o valor e a pertinência. Por exemplo, um modelo metalinguístico pode ser so-

³ François Provenzano assim resume seu trabalho: “São as variações de *étos* do semioticista em sua retórica (...) que fundamentam a ética disciplinar da semiologia no campo teórico da década de 1960, delimitando, no mesmo ato, sua região de pertinência epistemológica” (2011, p. 73).

⁴ (cf. 1966, p. 191: “o catalisador metodológico”; p. 6: “o progresso metodológico”; p. 85: “a ordem metodológica”; p. 190 e 230: “o manejo metodológico”).

⁵ (cf. 1966, p. 22 e 56: “inquietude metodológica”; “manipulações metodológicas”).

⁶ Greimas fornece o exemplo da “estrutura do parentesco”, na qual a lexicalização no nível da estilística dos actantes tornou difícil todo e qualquer “manejo metodológico” (1966, p. 190-191).

mente *transformacional* – o encaminhamento, nesse caso, será escassamente indutivo –, razão pela qual a reflexão metodológica deve subordinar todo modelo transformacional aos modelos *constitucionais* que se assentam num procedimento dedutivo (1966, p. 233, 248). E, dentre os modelos constitucionais, a reflexão metodológica privilegiará o modelo *modal*, conforme utilizado na análise actancial e, mais tarde, na semiótica das modalidades. Toda essa organização comparativa e avaliativa é gerada pela reflexão metodológica, a qual, muito embora inacabada, incompleta, inquieta e hesitante, confere à práxis de uma semiótica “cientificamente vocacionada” alguns pontos de apoio e uma relativa estabilidade.

3

Tal estabilidade, temos de admitir, é apenas relativa, pois a reflexão metodológica é constantemente “julgada” e retificada pela atitude epistemológica (1966, p. 6, 187) do linguista-semioticista (outro sintagma do vocabulário greimasiano); daí decorre que a reflexão metodológica deve se sustentar naquilo que Greimas classifica como “especulação” epistemológica (1966, p. 87). Uma leitura aprofundada de *Sémantique structurale* convenceu-me de que o nível quaternário da arquitetura de uma semiótica “cientificamente vocacionada”, o nível epistemológico, é na verdade “especulativo”, numa acepção não necessariamente negativa. Se “a linguística obteve um prestígio metodológico que não deixa dúvidas” (1966, p. 6), escreve Greimas – não nos esqueçamos de que *Sémantique structurale* é, antes de mais nada, uma “pesquisa de método” –, sua epistemologia não faz mais que invalidar ou confirmar proposições, o mais das vezes, hipotéticas, que não passam de (mais uma fórmula de Greimas) “uma projeção de nossas necessidades e esperanças” (1966, p. 102). Essa “atitude epistemológica” é, não raro, calcada em outros modelos epistemológicos tomados de empréstimo e aí transpostos. Nesse contexto, Greimas cita a reflexão fecunda de Merleau-Ponty, Lévi-Strauss, Lacan e Barthes (1966, p. 6), de tal maneira que a epistemologia semiolinguística de *Sémantique structurale* pode ser considerada como mera particularização da epistemologia que molda as ciências humanas em geral.

De toda forma, há em qualquer atitude epistemológica um momento de *escolha*, uma escolha à qual o semioticista, ao efetuar seu trabalho de “linguista científico”, tem de *submeter-se*, e Greimas relembra Hjelmslev, que recomenda “aceitar [essas proposições epistemológicas] com resignação, limitando os eventuais danos” (1966, p. 8). Pode-se, na melhor das hipóteses, buscar um consenso entre linguistas-semioticistas sobre a natureza e função do nível epistemológico, sem

que as razões teóricas dessa escolha sejam explicitamente elucidadas (1966, p. 24). E, contudo, a explicitação das condições epistemológicas é qualificada por Greimas de *essencial* para o linguista-semioticista. Os alicerces epistemológicos proporcionam, com efeito, a *justificativa* para a axiomática definicional e a estrutura conceitual da semiótica “cientificamente vocacionada” (1966, p. 32)⁷.

Assim, toda teoria da linguagem está assentada sobre um conjunto de intuições epistemológicas, o qual compreende conceitos não analisados e não analisáveis. Tais conceitos podem ser inscritos naquilo que Greimas denomina “inventário epistemológico hierarquicamente superior” (1966, p. 133). É preciso evitar, contudo, o gesto precipitado de sobrecarregar além da conta esse inventário, vertendo nessa esfera epistemológica toda ignorância e todo domínio incógnito ou até mesmo incognoscível. Convém preservar a consciência do abismo que há entre o método semiolinguístico e sua epistemologia, dois níveis a não confundir. Já pudemos comprovar de que modo a epistemologia regula o equilíbrio entre análise e construção, verificação e coerência, submissão e pacto, bem como a dupla orientação paradoxal dos métodos. Esse controle dos métodos, por sinal, é apenas uma das repercussões da atitude epistemológica.

A outra tarefa, sua complementar, consiste em salvaguardar a completude do “inventário epistemológico dos postulados não analisados” (1966, p. 18-19). Um tanto taxionômico e não estruturado, semelhante inventário compõe-se a partir de resíduos não analisáveis do raciocínio “cientificamente vocacionado” na semântica estrutural. Observemos, a propósito, que a viga mestra da arquitetura do modelo estrutural, a explicitação da oposição *imanência / manifestação*, deixa-se homologar a um outro par de indefiníveis, *existência / presença*, de que voltarei a falar dentro de instantes. Ao examinar o inventário dos postulados, dos indefiníveis, é realmente no nível da *ordem epistemológica* que nos situamos. Greimas declara aceitar “em respeito às regras” (1966, p. 103), mas em desespero, o fato de que o próprio conceito de *nível* seja um dos indefiníveis, assim como o conceito de *linguagem* e, obviamente, esses pares de suma importância arquitetural que são *imanência/manifestação* e *existência/presença*. O mesmo vale para *estrutura*, *relação*, *termo-objeto*, conceitos básicos, sem dúvida nenhuma, de *Sémantique structurale*.

Mas o inventário vai mais longe. O Mestre arrola também as categorias de *totalidade* (1966, p. 133), *continuidade* e *descontinuidade*, *equivalência* (categoria “geralmente utilizada, mas nunca definida”, afirma Greimas), assim como as categorias de *identidade* e

⁷ É preciso, porém, cuidar para não reduzir apressadamente toda e qualquer discussão teórica ao “nível epistemológico”. Greimas dá um exemplo: a distinção entre categorias sêmicas e articulações sêmicas efetua-se no nível dos procedimentos de descrição – logo, no nível metodológico, ou seja, o da validação da construção de uma metalinguagem – e não no nível da “escolha” epistemológica (1966, p. 25).

*simultaneidade*⁸. A análise das categorias componentes do mínimo epistemológico “já não é da alçada da linguística”, isto é, da semiótica cientificamente vocacionada, constata ele com todas as letras (1966, p. 19). Logo, é como se a ordem epistemológica só fosse admitida a contragosto, funcionando marginalmente no projeto de *Sémantique structurale*. Esse patamar de radical profundidade, profundidade fundadora e justificadora, constitui-se como um *limite* do construtível, e não como elemento substancial de um domínio controlável por adequação indutiva e coerência dedutiva. De fato, a ordem epistemológica não é nem adequada, nem coerente, ela está ligada às *atitudes*, às *escolhas estratégicas*. Cito o livro: “A descrição [metalinguística], antes de ser empreendida, deve fundamentar-se em considerações sobre a *escolha estratégica* do patamar de profundidade ideal a ser atribuído a essa descrição” (1966, p. 109). Escolha *estratégica* e efetuada por necessidade, sem dúvida, porém expressando uma grande sensibilidade intuitiva pela linguagem como *fenômeno*, em sua interação com o mundo e com o sujeito falante.

4

Greimas, que como se sabe não despreza nunca as definições e categorias constitutivas da análise das articulações sêmicas, nem tampouco a elaboração dos modelos actanciais, proclama, não obstante, o poder estratégico do linguista-semioticista e sua sensibilidade fenomenológica, pois que este cultiva intencionalmente uma “atitude epistemológica”. Citemos Greimas: “Devemos estabelecer nitidamente, no *plano epistemológico* da linguagem, as categorias constitutivas [das] definições, garantindo assim, por seu caráter apriorístico, os fundamentos da construção projetada. [...] Temos de nos munir, quando mais não seja por observância às regras, dos *fundamentos do conceito de linguagem* [...]” (1966, p. 103). A instigação é clara e explícita, e é preciso levar a sério a ideia de *inquietaude epistemológica*, sintagma que ele introduz já no capítulo “A estrutura elementar da significação”, nas primeiras páginas do livro (1966, p. 22). *Inquietaude* que deixa transparecer, precisamente, uma fina sensibilidade qualitativa do linguista-semioticista frente à complexidade do objeto-fonte que é a linguagem.

É verdade, a prática semiolinguística não pode senão dicotomizar, organizar o objeto-fonte numa arquitetura de níveis, “normalizando”, reduzindo, submetendo a sensibilidade espontânea em face da linguagem às exigências da “vocação científica”. Por isso, o estabelecimento da oposição *imanência vs. manifestação*, como princípio metodológico basilar da estruturação de uma semiolinguística, deve suscitar de pronto uma inquietude irremediável para quem não aceitar, volun-

tariamente, assujeitar-se à “vocação científica”. Por isso também, a sisuda metalinguagem de *Sémantique structurale* explora a fundo, desde as páginas iniciais, a oposição entre o *semiótico* (imanência) e o *semântico* (manifestação). Tal dicotomização é a própria pedra fundamental da “gramática gerativa” greimasiana, que não desmentirá jamais os procedimentos de geração da superfície (manifestante) a partir das profundezas (imanentes).

Em diversas passagens, Greimas sublinha que “a relação entre ambos os universos [significantes] – imanente e manifestado – é a da *pressuposição recíproca*” (1966, p. 104); que imanência e manifestação funcionam “à maneira de vasos comunicantes [e que] às regras do *universo imanente* devem corresponder regras de geração do *universo manifestado*” (1966, p. 109). Posicionar-se, para realizar uma descrição semiolinguística, à altura de um ou de outro desses universos, é uma *escolha estratégica*, ditada, não por uma suposta exigência de empiricidade, mas antes pela inteligência eficaz desse estrategista que é o linguista-semioticista. Entretanto, com a oposição fundadora *imanência vs. manifestação*, o método conduz-nos à epistemologia e sua coleção de inquietudes.

Ocorre que a oposição *imanência vs. manifestação* pode homologar-se a uma outra, já não analisável no nível metodológico, a oposição entre *existência* e *presença*, de que Greimas afirma explicitamente: “sua análise, de acordo com o princípio do *mínimo epistemológico*, já não é da alçada da linguística” (1966, p. 19). O “modo de existência” caracteriza sempre e necessariamente as estruturas da significação metodologicamente controláveis porque consideradas pelo prisma de sua imanência, enquanto o “modo de presença” caracteriza essas estruturas uma vez manifestadas em um *ato* de comunicação (1966, p. 36). Greimas sustenta que todo ato – ato de linguagem, por exemplo – implica necessariamente uma *escolha* que incorpora ou exclui esta ou aquela porção da significância complexa desse ato. O exercício da liberdade, contudo, não é onipotente, dado que tal liberdade está limitada pelas virtualidades do “modo de existência” do objeto-fonte. Por conseguinte, só podemos reconhecer, e até mesmo apreciar, as “limitações de nossa condição de *homo loquens*” (1966, p. 42). O “modo de existência” do objeto-fonte impõe uma coerção absoluta. E, não obstante, o modo de *presença* do objeto-fonte é incomparavelmente mais rico em significância do que seu modo de *existência*.

De fato, a *presença* do objeto-fonte exhibe as exigências contraditórias de uma liberdade que dirige, ao menos em parte, a vida do discurso e a teleologia comunicacional. O discurso aparece “como uma edifi-

⁸ (cf. 1966: “estrutura, relação, termo-objeto”, p. 18-19; “continuidade, descontinuidade, identidade, equivalência”, p. 19 e 74; “o conceito de descontinuidade, que não podemos definir, não pertence à semântica; ele comanda, por exemplo, o fundamento da matemática. É, por isso, uma pressuposição a ser incluída no inventário epistemológico dos postulados não analisados”, p. 18-19).

cação heteróclita” (1966, p. 42) – são as palavras do próprio Greimas – e a *presença* da significação deve ser pensada, assim, como uma distorção da estrutura subjacente imanente e ideal, a que se caracteriza como “modo de existência”. Não que *Sémantique structurale* recorra alegremente ao critério ontologizante da *verdade* para sancionar o “modo de presença” do objeto-fonte: o “modo de existência” não deve ser *verificado* pelo “modo de presença”, assim como não deve ser sancionado pelo consenso social ou comunitário (1966, p. 140). A apreensão do discurso (ainda que seja compósita sua edificação) como isotopia homogênea, como um todo de significação, não se deixa reduzir à sua origem de produção – à intencionalidade do locutor, ao “poder predicativo” do espírito humano –, mas deve ser explicada como uma estabilidade proveniente do fato de que o modo de presença é sustentado pelo modo de existência estrutural. Como conciliar essa liberdade criadora que molda a *presença* e a coerção hierarquizante imposta pela *existência*?

Há um *regulador* a dominar esse jogo entre a liberdade e suas coerções, e a protegê-lo de qualquer excesso: excesso de uma hipóstase da profundidade e da idealidade da existência por um lado; excesso de uma *mise en scène* por demais eloquente ou teatral, da superfície de uma presença. Para evitar esse duplo excesso, o pressuposto recai sobre aquilo que Greimas chama, com tanta pertinência, de “mínimo epistemológico” (1966, p. 19), e, em especial, sobre a *percepção*. A *existência*, da mesma forma como a *presença*, só pode enraizar-se na *percepção*. A “atitude epistemológica”, sempre ativa na prática, na própria técnica do linguista-semiotista, indaga acerca da natureza e função da *percepção* como “regulador” da significação. A percepção verifica e justifica a construção sistemática das *diferenças* sêmicas e suas articulações no âmbito do modo de existência. Já no âmbito do modo de presença, a percepção continua ativa na apreensão do *acontecimento-comunicação* (1966, p. 30) e da vida do discurso, como captação do *sensível* em todos os seus aspectos.

Uma pequena observação sobre a percepção no que se refere ao modo de existência. É preciso, de fato, situar as articulações sêmicas “no interior da percepção” (1966, p. 104.)⁹: é aí que estas recebem existência “devido a [sua] participação simultânea em dois conjuntos significantes: o sema, com efeito, afirma-se por disjunção no interior da categoria sêmica; [eles] confirma[m]-se, por junção com outros semas, no interior de agrupamentos sêmicos que denominamos figuras e bases sêmicas”. Em outras palavras, sempre “no interior da percepção”, o sistema sêmico submetete-

se, por suas disjunções e junções, à diferenciação. Greimas, em vários trechos de *Sémantique structurale*, insiste no fato de que o semiológico, ou seja, a *imanência* como modo de existência, não se pode apreender senão “no interior da percepção” (1966, p. 56).

Logo, uma semiótica da imanência, do modo de existência das significações, assenta sobre a possibilidade de uma *percepção* da “existência” de descontinuidades, de desvios diferenciais: “Percebemos diferenças e, em virtude de tal percepção, o mundo ‘toma forma’ diante de nós e para nós” (1966, p. 18-19). E Greimas explica que “perceber diferenças” quer dizer “apreender dois termos-objeto como simultaneamente presentes e apreender simultaneamente a relação entre os termos, associá-los, de um modo ou de outro”. Assim, *perceber* o modo existencial das significações é *apreender* o diferencial nas junções e disjunções. Semelhante postura não é de fácil compreensão: como “perceber” o modo de existência de um campo diferencial que, na verdade, é um campo de *idealidades* cuja imanência deveria, justamente, escapar a toda experiência perceptiva? A “inquietude epistemológica”, em *Sémantique structurale*, culmina no instante em que essa aporia traz sua ameaça.

A afirmação da centralidade da *percepção* é evidente, por toda parte e a cada momento. Citemos: “Situando as significações do mundo humano no nível da percepção consiste em definir a exploração no interior [...] do mundo *sensível*. Dessa maneira, a semântica se reconhece, abertamente, como uma tentativa de descrição do mundo das *qualidades sensíveis*” (1966, p. 9); ou ainda, numa seção intitulada “A primeira escolha epistemológica”, que justamente cita Merleau-Ponty: “É com conhecimento de causa que propomos considerar a *percepção* como o *lugar não-linguístico* em que se situa a apreensão da significação” (1966, p. 8-9).

A brilhante palestra de Greimas durante o colóquio de Cerisy de 1983 (publicada em 1987 nos anais daquele memorável encontro), portanto, quase vinte anos depois de *Sémantique structurale*, discute essa inquietante aporia, formulando-a nos seguintes termos: “uma epistemologia do universo de existência das significações só é possível *se se ultrapassar a percepção e se considerar a existência semiótica como uma idealidade*” (Arrivé; Coquet, 1987, p. 314)¹⁰. Nesse contexto é que Greimas concede um lugar privilegiado à fenomenologia de Husserl das *Investigações lógicas*, versão idealista da concepção merleau-pontiana da percepção. Torno a citar o mesmo texto de 1987: “Foi esse o ponto de partida que me obrigou a introduzir o conceito de existência semiótica, mais ou menos à

⁹ O mesmo se aplica aos actantes: “Vimos que o número de actantes era determinado pelas condições apriorísticas da percepção da significação” (1966, p. 173).

¹⁰ A aporia ameaçadora aqui evocada também foi mencionada e comentada por Jean-François Bordron em seu *Le discours spéculatif. Approche sémiotique*. Limoges: Lambert-Lucas, 2016, p. 68-71.

maneira da realidade dos objetos matemáticos. Penso que a semiótica pode imaginar a existência desses *simulacros*, dessas construções, objetos que podem ser definidos semioticamente, cujo tipo de existência permite, em suma, esvaziar o problema do ser, os problemas ontológicos” (Arrivé; Coquet, 1987, p. 312).

Não comentarei aqui a passagem, em Greimas, de Merleau-Ponty para Husserl; não comentarei, tampouco, a especulação sobre o estatuto da *existência semiótica*, declarada mero *simulacro*, assim como o objeto matemático. A motivação de Greimas, nesses trechos, consiste certamente em esvaziar de sua concepção da existência semiótica qualquer tentação ontológica, pressupondo assim o fechamento radical do universo das significações. Greimas reitera, em trechos, por sinal, de grande inspiração, que o teorema do estatuto da existência semiótica é e continua sendo, para ele, angustiante e incômodo. De que maneira se pode semiotizar a existência semiótica como *simulacro* e, ao mesmo tempo, frisar sua relação com a *percepção* e as qualidades sensíveis? Retornaremos, adiante, a essa complicada questão, situada no âmago da inquietude epistemológica que perturba o projeto semiótico já em *Sémantique structurale*.

Quanto ao modo de presença das significações, o princípio da percepção como *mínimo epistemológico* é menos problemático, já que não se pode contestar que a *presença* – ou, se se preferir, a *manifestação*, o componente semântico em sua completude – “mostra-se” no âmbito das qualidades sensíveis. Greimas chega até mesmo a supor que a descrição da *presença* semântica, que faz surgir a significação no âmbito da percepção, admite, ou pelo menos sugere, uma caracterização “de acordo com a ordem sensorial a que pertence[m] (ordem visual, auditiva, tátil)” (1966, p. 10)¹¹. Esse é um dos dois excertos de *Sémantique structurale* que mobilizam a *sensorialidade*¹², considerada como o funcionamento dos cinco sentidos em sua especificidade. Tais excertos sancionam, assim, o papel fundador da

percepção sensorial, a qual é seguramente mais do que mera *captação* (*saisie*) protocognitiva ou intelectual. Greimas também se refere à percepção como “o *lugar não-linguístico* em que se situa a *apreensão* da significação” (1966, p. 8-9) – *apreensão*, de preferência a *captação*¹³. Essa concepção da percepção como apreensão aproxima-nos, provavelmente, da concepção da percepção pela qual Greimas expressa sua “preferência subjetiva”: a do Merleau-Ponty da *Fenomenologia da percepção*, obra capital publicada, como se sabe, mais de vinte anos antes de *Sémantique structurale*¹⁴. É surpreendente constatar que, apesar de tudo, Greimas não chega realmente a explorar a primeira parte da magistral obra de Merleau-Ponty, aquela que fundamenta a percepção em uma sensorialidade radicalmente corporal. O *corpo* é escassamente evocado em *Sémantique structurale*. Será necessário esperar a semiótica das paixões e *De l’Imperfection* para descobrir uma semiótica em que a sensorialidade se enraíza firmemente na corporeidade¹⁵.

5

Um sintagma enigmático, mas de primordial importância heurística, leva-nos à última fase de nossa leitura parafrástica de *Sémantique structurale*. Nas páginas sobre “O universo manifestado da significação”, dentro do capítulo “A organização do universo semântico”, sempre a respeito da percepção como mínimo epistemológico, diz-se que “a percepção do mundo externo”, combinada com “categorias do espírito humano”, constitui um pano de fundo para a construção da metalinguagem “cientificamente vocacionada” (1966, p. 106). A combinação desses dois componentes, mundo externo e espírito humano, poderia atuar como a noção hjelmsleviana de “substância do conteúdo”, escreve Greimas. Consequentemente, a atitude epistemológica deve tomar em consideração, em nome de uma Semântica estrutural consistente, um pano de fundo não-linguístico, ou, se se preferir, extra-semiótico. Não esqueçamos que Greimas afirma,

¹¹ Será preciso aguardar ainda duas décadas até que a sensorialidade, como conjunto das funções dos cinco sentidos, seja reavaliada para retomar seu justo lugar, em *De l’Imperfection* (1987). Cf. meu artigo “L’esthétique de Greimas face aux sensibilités valéryennes”, na revista *Semiotica* em 2017 (n. 219, ed. Thomas Broden e Stéphanie Walsh Matthews).

¹² O outro excerto se acha sob o título “A abordagem empírica do universo imanente”: “[...] Não sabemos se as categorias sêmicas se organizam todas em sistemas sêmicos, nem se estes últimos são coextensivos às ordens (ordens olfativa, tátil, etc.) [...]” (1966, p. 104).

¹³ [N. dos T.] Herman Parret diferencia, para os fins de sua argumentação, os parassinônimos franceses *appréhension* e *saisie*, emprestando ao primeiro conotações mais ligadas ao exteroceptivo e, ao segundo, mais ligadas ao interoceptivo. Sempre que ocorre essa oposição conceitual, traduzimos, neste artigo, fr. *appréhension* por pt. *apreensão* e fr. *saisie* por pt. *captação*.

¹⁴ “É com conhecimento de causa que propomos considerar a percepção como o lugar não-linguístico em que se situa a *apreensão* da significação. [...] Mesmo reconhecendo nossas preferências subjetivas pela teoria da percepção tal como desenvolvida na França por Merleau-Ponty, assinalaremos todavia que tal *atitude epistemológica* aparenta ser também a das ciências do século XX em geral” (1966, p. 8-9). Podemos nos perguntar, ainda assim, qual seção da *Fenomenologia da percepção* terá interessado a Greimas. Os capítulos sobre o corpo (Primeira Parte, p. 101-213) e sobre o sentir e o mundo percebido (Segunda Parte, p. 251-289) poderiam ter sido da maior importância para a semiótica de *Sémantique structurale*, sobretudo para o desenvolvimento de uma teoria da percepção como “mínimo epistemológico”, que ocupa aí uma posição central.

¹⁵ Algirdas J. Greimas, *De l’Imperfection*, Périgueux, Fanlac, 1987. Jacques Fontanille é um dos principais responsáveis pela atenção dedicada, na semiótica greimasiana, ao corpo como sede da rede sensorial. Consultar seu livro *Soma et Séma. Figures du corps*, Paris, Maisonneuve et Larose, 2004. Consultar também meu artigo “Sémiotique et esthétique”, in: Roelens; Biglari (dir.), *Sémiotique en interface*, Paris: Kimé, 2017. Há uma única passagem de *Sémantique structurale* em que Greimas sugere que a presença poderia ser compreendida como encarnação da existência (1966, p. 108). Essa noção de *carne* e de *encarnação*, plenamente merleau-pontiana, está oculta, é óbvio, e detectar essa ocorrência é apenas o gesto de uma leitura desconstrucionista, no limite do aceitável.

já na primeira seção do capítulo “A estrutura elementar da significação”, que “a análise [do modo de *presença*], de acordo com o princípio do *mínimo epistemológico*, já não é da alçada da linguística” (1966, p. 19). Logo, o pano de fundo de uma semiolinguística é um horizonte transcendente, não inteiramente incorporável pela metalinguagem científica e seu método. Isso nos faz concluir que o fechamento do universo das significações não é absoluto e que o linguista-semioticista deve ter em mente, cultivando a atitude epistemológica, o *pano de fundo*, o *horizonte transcendente*.

Em *Sémantique structurale*, o que ficamos sabendo sobre esse pano de fundo, sobre esse horizonte transcendente? Por certo, não é o caso de lançar mão desta ou daquela função referencial da linguagem-objeto (construindo, assim, uma semântica ontologizante e realista), nem de ter a pretensão de propor uma descrição da “substância psíquica” (1966, p. 27, 69), uma análise mentalista dos conteúdos da vida psíquica. Logo de saída, o projeto greimasiano opõe-se radicalmente a qualquer aliciamento por ontologias ou mentalismos. E, não obstante, o fechamento do universo das significações é relativo, uma vez que o mínimo epistemológico pressupõe um regulador, a *percepção* – e, em decorrência, o *sensível* e suas qualidades.

Especifiquei esse teorema, temerariamente polisêmico, da *percepção*, conforme duas modalidades: ou bem como *apreensão*, como abertura fenomenológica e merleau-pontiana para o “mundo externo”, ou bem como *captação*, como abertura protocognitiva para o “espírito humano”. “Mundo externo” e “espírito humano” são sintagmas explicitamente presentes em *Sémantique structurale*. Pode-se sublinhar uma outra distinção proposta por Greimas para entender esses dois sintagmas. Citemos este excerto esclarecedor:

Toda descrição deverá então visar, quer a dimensão cosmológica, quer a dimensão noológica [...]. A descrição completa da dimensão cosmológica constituiria a cosmologia, exaurindo o conhecimento do mundo externo. Dada a imensidão do universo semântico, a manifestação de uma dimensão, quer cosmológica, quer noológica, e, com maior motivo, sua descrição, não podem ser senão parciais (1966, p. 120).

O conceito polisêmico de “*percepção*” deixa-se assim compreender conforme suas duas modalidades: como *apreensão* da dimensão cosmológica, abertura para o mundo externo, ou como *captação* da dimensão noológica, abertura para o mundo interno. *apreensão* fenomenológica e *captação* protocognitiva, eis as duas funções da *percepção* e seu correlato, o *sensível* e suas qualidades. É, realmente, esse regulador epistemológico – a *percepção* como *apreensão* ou como *captação* – que acompanha ou, melhor dizendo, que molda a semântica estrutural e constitui sua norma de validade.

Acrescento um breve suplemento a propósito dessas duas modalidades da *percepção*. Em primeiro

lugar, sobre a *apreensão cosmológica*. Mesmo o mais radical dos imanentistas deve aceitar “que há uma contribuição do *mundo externo* (em outras palavras: *das qualidades do mundo sensível*) para o *surgimento do sentido*”, como escreve Greimas, com toda a convicção e honestidade (1966, p. 65). Tal afirmativa também pode ser invertida: o universo das significações determina o “conhecimento do mundo” (1966, p. 133). O que Greimas chama de “conhecimento do mundo externo” é, para empregar sua própria terminologia, a “*apreensão cosmológica*”. O acionamento dessa reciprocidade do universo das significações e da dimensão cosmológica como pano de fundo deveria ser minuciosamente explorado pelo linguista-semioticista movido pela atitude epistemológica. O universo das significações “impõe uma certa visão de mundo” (1966, p. 133); por isso se pode afiançar que a semântica estrutural formula as coerções semiológicas do conhecimento do mundo. Essa constatação forma o sólido fundamento da “atitude epistemológica”, mas temos de aceitar também que, se a semântica impõe uma visão de mundo, é porque reciprocamente, dialeticamente, “o mundo das qualidades [é] uma espécie de tela opaca, [um pano de fundo, um horizonte transcendente] no qual vêm refletir-se inúmeros efeitos de sentido” (1966, p. 126). Aqui temos mais uma feliz formulação do próprio Greimas em *Sémantique structurale*.

Passemos ao segundo suplemento, que se refere à *percepção* como *captação noológica*. Falar, a esse respeito, nas “categorias do espírito” poderia soar psicológico demais, sobretudo porque Greimas defende explicitamente que “a substância psíquica” não tem pertinência para o linguista-semioticista. E, contudo, “o universo semântico decompõe-se em microuniversos, os únicos que podem ser percebidos, memorizados e ‘vidados’” (1966, p. 127). Tal formulação insiste bastante sobre o enriquecimento da ideia de *captação noológica*, que aposta não apenas nos perceptos do *sensível* mas também nas figuras da memória e nas forjas da sensibilidade afetiva. As supostas “categorias do espírito humano” são, assim, categorias “subjetivas” que Greimas não hesita em considerar como “uma espécie de *a priori* integrado da *percepção*” (1966, p. 86-87). A dimensão noológica, marcada em toda sua extensão pela categoria sêmica *euforia* vs. *disforia*, promulga então a proprioceptividade. Não se pode deixar de dizer que a *captação noológica* conduz necessariamente a uma avaliação axiológica e até ideológica (1966, p. 226). É preciso admitir que *Sémantique structurale* sugere e apregoa uma inspiração epistemológica orientada para uma axiologia, que recobre, no final das contas, um humanismo: “humanizar o mundo”, um “mundo que se vê justificado pelo homem, pelo homem integrado no mundo”, como se lê na penúltima seção do livro (1966, p. 213). Assim é que a atitude epistemológica do linguista-semioticista resulta motivada, no gesto

de um generoso aprofundamento teórico, pelo reino dos valores, por uma transcendência que é, ao mesmo tempo, geradora e limitadora da metalinguagem “cien-

tificamente vocacionada” e de seu método.



Minha primeira leitura de *Sémantique structurale*, entre setembro de 1967 e maio de 1968, leitura dura e sem piedade para o jovem doutorando em filosofia que eu era, havia me deixado inquieto, abalando as convicções filosóficas de minha formação fenomenológica. Ficara quase paralisado pela solidez e severidade do livro, cujo caráter de *opus magnum*, de brilhante construção paralógica – ainda que um tanto afastada dos fenômenos – eu intuía de imediato. Recordo quão seriamente intimidado me deixou essa catedral conceitual na qual pressentia o estimulante ponto de partida de uma nova disciplina, a semiótica, que iria marcar

profundamente minha vida intelectual de filósofo. A leitura atenta e empática que agora termino, cinquenta anos depois, produziu um efeito bem outro, quase o oposto. Hoje vejo com maior clareza as inquietudes, incertezas, questões irresolvidas, a incompletude do projeto e, sobretudo, a humildade de um grande teórico que encarna, é certo, a “vocaçào científica”, sem ser jamais triunfalista. E parabênizo os organizadores deste aniversário de cinquenta anos por ter-nos feito lembrar a imensa dívida que temos, todas e todos, em face desta obra: *Sémantique structurale*. ●

Referências

Arrivé, Michel; Coquet, Jean-Claude (dir.)

1987. *Sémiotique en jeu. À partir et autour de l'oeuvre d'A. J. Greimas*. Paris/Amsterdam/Philadelphia: Hadès-Benjamins.

Bordron, Jean-François

2016. *Le discours spéculatif. Approche sémiotique*. Limoges: Lambert-Lucas.

Fontanille, Jacques

2004. *Soma et Séma. Figures du corps*. Paris: Maisonneuve & Larose.

Greimas, Algirdas Julien

1966. *Sémantique structurale. Recherche de méthode*. Paris: Larousse.

Greimas, Algirdas Julien

1970. *Du sens. Essais sémiotiques I*. Paris: Seuil.

Greimas, Algirdas Julien

1987. *De l'imperfection*. Périgueux: Pierre Fanlac.

Husserl, Edmund

2012. *Investigações lógicas*. Trad. Pedro Alves e Carlos Morujão. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Merleau-ponty, Maurice

2006. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes.

Parret, Herman

2017. Sémiotique et esthétique. In: Roelens, Nathalie; Biglari, Amir (dir.). *Sémiotique en interface*. Paris: Kimé.

Parret, Herman

2017. L'esthétique de Greimas face aux sensibilités valéryennes. *Semiotica* (Berlim), n. 219, ed. Thomas Broden e Stéphanie Walsh Matthews.

Provenzano, François

2011. L'argument littéraire dans *Sémantique structurale*. Usages rhétoriques de la sémiotique émergente. *Semen* (Besançon), n. 32, p. 73-89.

Roelens, Nathalie; Biglari, Amir (dir.)

2017. *Sémiotique en interface*. Paris: Kimé.

Dados para indexação em língua estrangeira

Parret, Herman

Construire une épistémologie pour la sémiotique en 1966

Estudos Semióticos, vol. 13, n. 2 (2017)

ISSN 1980-4016

Résumé: À travers une lecture paraphrasante de l'ouvrage *Sémantique structurale* (Greimas, 1966), on examine dans le présent essai l'architecture conceptuelle des quatre grands niveaux dans lesquels s'échelonnent les problématiques de la description sémiotique tels que les formule ce livre fondateur : ceux du langage-objet, du métalangage descriptif, du langage méthodologique, enfin celui du niveau épistémologique où s'inscrivent les postulats non analysés et les indéfinissables. Suivent des développements concernant la complémentarité des démarches inductive et déductive ; on s'intéresse aussi à la centralité de la notion de perception pour la théorie, qui autorise des rapprochements avec la phénoménologie d'un Merleau-Ponty. Nos dernières pages sont consacrées à l'inspiration épistémologique de *Sémantique structurale*, qui sans jamais récuser sa "vocation scientifique" s'inscrit pourtant dans une axiologie couvrant, somme toute, une certaine façon de voir l'humanisme.

Keywords: épistémologie ; Greimas ; perception ; Sémantique structurale ; théorie

Como citar este artigo

PARRET, Herman. Construir uma epistemologia para a semiótica em 1966. *Estudos Semióticos*. [on-line], volume 13, n. 2 (edição especial). Editores convidados: Waldir Beividas e Eliane Soares de Lima. São Paulo, dezembro de 2017, p. 19-27. Disponível em: (www.revistas.usp.br/esse). Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento do artigo: 10/04/2017

Data de sua aprovação: 15/06/2017
